



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8400 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

A MORTE COMO TEMA NOS LIVROS DE LEITURA DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

Kênia Hilda Moreira - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Thaise Barbosa Rodrigues - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

A MORTE COMO TEMA NOS LIVROS DE LEITURA DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

Objetivamos investigar a presença do tema morte nos livros de leitura utilizados no contexto de escolarização da infância nas primeiras décadas da primeira República (1889-1930), analisando os sentidos da ocorrência do tema. Para tanto, selecionamos 14 obras, totalizando seis autores. Como referencial teórico de análise nos respaldamos na história cultural, cientes de que a pesquisa em história da educação não pode ser descolada dos problemas inerentes a cada sociedade, sejam eles de ordem econômica, política ou social, e cientes de que “o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada” (CHARTIER, 2002, p. 123). Com tais considerações, tendo em conta ainda, a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), apresentamos nossas análises a partir de três perspectivas sobre a morte que identificamos nos livros analisados: “A Morte como Sacrifício pela Pátria”; 2 “A Morte e a Velhice para a criança”; e “A Morte e a Saúde”.

A Morte como Sacrifício pela Pátria

Uma das perspectiva identificadas foi a morte como necessária para defender a pátria (pela guerra/batalha). Segundo Ariès (2017) a morte é uma das formas de expressões do patriotismo.

No “Primeiro Livro da Infância” de Augusto Gomes de Oliveira se encontra “a guerra”, como morte pela pátria, um ato heroico. “[...] a nossa terra, tem tido muitas guerras com outras nações que dêle se têm querido apossar, mas tem saído sempre vencedor. Porque tem muito bons soldados que o defendem até á morte”. (OLIVEIRA, 1918, p. 88).

Na lição intitulada “21 de Abril”, Puiggari-Barreto (1909, p. 25) expõe um ato cívico escolar em homenagem a Tiradentes:

Empolgava-o fortemente aquella sena de cem creanças, alli reunidas, num silencio quase religioso, á espera do inicio do programma, em frente ao busto em gesso de Tiradentes, collocado sobre a mesa circum dada de mestres, como adominal-os na recordação dolorosa do seu martyrio...

Logo depois um poema conta “A morte de Tiradentes”:

[...]

Notava-se no povo um sopro de tristeza.

O martyr succumbiu.

Refuraram os tambores; soaram os clarins.

(PUIGGARI-BARRETO, 1909, p. 28).

O sacrifício pela pátria gera um luto coletivo na sociedade pela morte do herói. Como afirma Elias (2001, p. 40), o Estado contribui para a manutenção desse sentimento de doar a vida pela pátria, lembrando que “nas duas guerras mundiais, a sensibilidade em relação a matar, em relação aos moribundos e à morte se evaporou rapidamente para a maioria das pessoas.” Ao mesmo tempo que um herói pode ser morto na guerra ao proteger seu país, também pode acabar matando. Fica forte essa visibilidade no livro “Expositor de Língua Materna” de Sabino e Cunha (1911, p. 82) que traz o desenho de um homem segurando a cabeça de outro homem em uma mão, na outra uma espada e no chão se encontra o corpo, representando o fim de uma batalha. Os livros de leitura que trazem a morte como sacrifício em defesa da pátria apresentam a morte como “aceita”, aquela que deve acontecer, sem nenhum sentimento ruim, porque serve à proteção de seu povo, de um bem maior.

A Morte e a Velhice para a Criança

O primeiro livro de leitura de Francisco Vianna começa com a representação da morte de “o sabiá”, a criança que perde seu passarinho afirma:

“A`s vezes eu fico triste, bem triste, por já saber que um dia tem de chegar em que havemos de morrer. Eu não queria morrer e nem que os outros

morressem! Pra que isso, dissei-me? Melhor fôra que vivessem...”
(VIANNA, 1911, p. 141).

A ideia de ser imortal é uma fantasia fortemente presente nas crianças para superar a ansiedade, angústias e até mesmo um desejo dos adultos em ignorar seus medos, o que também desempenham um papel considerável na maneira como as pessoas enfrentam a morte (ELIAS, 2001). A morte por velhice é uma morte esperada que vai dando sinais, a pessoa fica vulnerável ao ponto de se entender que ela irá morrer. Mas esse conhecimento não impede o sofrimento.

[...] Notava-se em todos uma certa tristeza. [...] D. Julia e o Dr. Ramos estavam apprehensivos com a molestia de que enfermára a boa avósinha, e combinavam a retirada das crianças por alguns dias. [...] (PUIGGARI_BARRETO, 1911, p. 43).

Na série Puiggari-Barreto as crianças são tiradas de casa para que seus pais pudessem dar maior atenção a vózinha. Elas retornam no dia da partida:

Anda-se em bicos de pés, cautelosamente, para evitar o menor ruído.

[...]

Nem risos de crianças, nem cantos de passarinhos perturbam o pesado silêncio.

[...]

Tio José e D. Julia, ajoelhados ao pé da cama, beijavam-lhe as geladas mãos.

(PUIGGARI-BARRETO, 1911, p. 84-86).

Como afirma Ariès (2017, p. 37) “era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças – não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças”, ao passo que hoje se esforçam para “afastar as crianças das coisas da morte”. Se percebe que as crianças tinham um comportamento diante da morte do moribundo. Diferente das leituras “Moraes e Instrutivas” de Rangel Pestana, uma criança percebe que seu pai está velho e associa o fato à morte:

[...]

Não quero, não; não quero que vás ficando velho...

Os velhos vão p’r’a cova e nunca voltam mais;

[...]

Conserva, Deus do Ceu, ao bom do papaizinho,

[...]

Faze, lhe permittindo a vida eternamente,

Pois Tu milagres fazes, Senhor, tão facilmente!

(PESTANA, 1911, p. 116).

A necessidade de entender os próprios sentimentos e compreender que sentir dor e tristeza é algo normal, parece não fazer parte do processo natural. Como relata Freud (2011), as pessoas querem afastar tudo aquilo que lhes provoca sofrimento e por isso entram no próprio mundo da imaginação.

– Onde mora tua mãe? Tens pai?

– Meu pai e minha mãe estão no ceu.

– Tinha uma irmãzinha, mas também foi para onde está mamãe.

[...]

(PESTANA, 1911, p. 182-183).

Tendemos a ocultar a finitude humana, especialmente para as crianças. A morte era uma questão pública, pelas condições sociais estabelecidas, por não se viver sozinho e as famílias serem numerosas. O que tornava a morte um acontecimento visto por todos. Hoje, os pais não conseguem conversar com seus filhos pelo medo de transmitir-lhes as próprias angústias, como afirma Elias (2001).

Não tratar da morte com as crianças é uma forma de poupar-lhe o sofrimento. Tal negação, no entanto, traz a recusa à doença, à velhice. Talvez os únicos momentos em que são explicados o sentido da morte às crianças seja com as crenças religiosas cristãs, ao afirmar que o morto vai para o céu, para a vida eterna.

A Morte e a Saúde

A relação entre a morte e a saúde está associada a valorização da ciência e a valorização da boa conduta social. Começamos pela relação entre a morte e a saúde a partir da supervalorização da medicina, em combate às superstições populares:

[...] Quando estamos doentes dos olhos devemos ir imediatamente ao médico que nos dirá o que devemos fazer. [...] Quando, pois, temos uma doença de olhos ou mesmo qualquer outra, não devemos ir á *benzedeira*, *brucha*, *feiticeira*, ou *pessoa virtuosa*, benzer o mal ou *talhar o ar*; mas sim a um medico que nos cure, se não queremos morrer ou ficar cegos [...]. (OLIVEIRA, 1918, p. 46).

A ciência médica é fortemente valorizada em detrimento das crenças populares.

No final do século XVIII, com as primeiras regras de higiene, houve uma mudança de atitude em relação a morte: as crianças já não deviam estar no leito do moribundo, como lembra Ariès (2017).

No segundo livro de leitura, Felisberto de Carvalho conta uma lenda àrabe sobre um demônio que aparece à um rapaz e diz que ele irá morrer, mas sua vida seria prolongada se visesse algumas dessas ações: matar o próprio pai, esbordoar a irmã ou se entregar ao vício da embriaguez. “[...] O môço empallideceu e hesitou. ‘Morrer, pensava elle, morrer quando apenas começo a viver!... Pois bem, disse ele ao demonio, deixa-me viver e eu me entregarei ao vicio da embriaguez!...’” (CARVALHO, 1911, p. 87).

Mais adiante se percebe uma breve explicação dos motivos de se colocar esta história:

[...] a embriaguez é a peor dos vicios, porque dá occasião a que se pratiquem todos os outros. Fugi della, preferi morrer a embriagar-vos e notai que o melhor meio de evitar tão feio quão perigoso vicio é ver o abatimento physico, moral e intellectual a que chega o homem que se embriaga. (CARVALHO, 1911, p. 87-88).

É mais ético escolher a morte do que ter uma má conduta na sociedade, nesse aspecto a morte é melhor do que uma conduta doentia, como a do embriagado.

Em “História de um Ignorante” Puiggari-Barreto (1911, p. 63-64) apresenta o diálogo entre Ricardo e Paulo e o primeiro afirma não ter aproveitado os estudos enquanto seu pai trabalhava para pagar as dívidas de sua mãe doente. E relata como foi o dia da morte de sua mãe: “no fim de quize dias ella morria, tranquilla, sorrindo-se para mim, enchendo-me de caricias, perdoando, por assim dizer, áquelle que fôra uma das principaes causas de sua morte!”. O perdão no leito da morte era algo almejado pelo moribundo, familiares e amigos (ARIÈS, 2017), mas aqui se mostra uma culpa, porque a desobediência pode levar a morte da pessoa amada. A morte foi apresentada como uma punição pela sua má conduta.

Considerações finais

Ao questionarmos as representações criadas sobre a morte nos livros de leitura para crianças inferimos acerca das intenções dos autores/editores ao vislumbrarem o leitor ideal/visado como um leitor com amor à pátria, dedicação aos estudos, às normas de conduta

e que valoriza a ciência médica.

As representações apresentadas sobre a morte, tendo a criança como público leitor nos permite apreender elementos deste contexto histórico vivido durante a primeira República, nos variados significados que podem existir sobre a morte. Ela pode ser uma morte ora cultuada, ora punitiva, ora salvacionista, ora desejada. Serve para cultuar os heróis, punir os desobedientes, redimir os sofredores ou desejar o fim de uma sociedade com posições contrárias.

Palavras-chave: História da Educação. Morte. Livros de Leitura.

Referências

ARIÈS, P. *História da Morte no Ocidente: da idade médias aos nossos tempos*. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2017.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Difel, 2002.

ELIAS, N. *A Solidão dos Moribundos: seguido de “envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FREUD, S. *O mal-estar na Civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.